



ADAPTAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR E A SOCIALIZAÇÃO ACADÊMICA

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa¹

Adir Luiz Ferreira²

RESUMO:

A partir de um estudo sobre a adaptação ao Ensino Superior e a Socialização Acadêmica, o presente artigo tem como objetivo discutir acerca da adaptação dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do 6º ao 10º período e a influência da socialização nessa adaptação. A fim de atingir o objetivo proposto, a presente pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou como instrumento de coleta de dados a aplicação de entrevistas com os alunos veteranos do curso de Pedagogia. Para a discussão, alguns autores que discutem a temática da adaptação ao Ensino Superior e a Socialização acadêmica foram de fundamental importância, como Coulon (2008), Ferreira (2014), Paivandi (2014) e Teixeira et al (2008). Em suma, o presente estudo colabora para pesquisas na área do Ensino Superior e como a adaptação a adaptação nesse nível de ensino pode ser crucial para o desenvolvimento do estudante, bem como a criação de laços com os seus colegas de curso.

Palavras-chave: Adaptação, Ensino Superior, Socialização Acadêmica.

INTRODUÇÃO

Adaptar-se ao Ensino Superior (ES) leva em consideração muito mais do que a adaptação ao espaço físico da instituição. Adaptar-se significa ser capaz de lidar com a Universidade, que leva em consideração as experiências nos campus, o envolvimento curricular, bem como o rendimento dos estudos; e a social, que é relativa às experiências de relacionamentos interpessoais, seja com estudantes, professores e funcionários da instituição (DINIZ E ALMEIDA, 2006).

Ao ingressar no ES, de acordo com Coulon (2008), o aluno deve adaptar-se aos códigos do Ensino superior, aprendendo a utilizar as suas instituições e assimilar rotinas, sendo esse ingresso ao ES considerado como uma passagem, sendo considerada pelo o

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
mestranda no Programa de Pós Graduação da UFRN - jukasbarreto@gmail.com;

² Doutor em Ciência Política, professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN
- adirlfer@gmail.com.



autor uma passagem dividida em três tempos: *tempo de estranhamento*, *tempo de aprendizagem* e *tempo de afiliação*.

O primeiro tempo, de *estranhamento*, diz respeito ao estranhamento que o estudante sente ao entrar em um universo desconhecido que é a Universidade. O segundo tempo, o de *aprendizagem*, diz respeito à adaptação que ocorre progressivamente e onde uma acomodação se produz. Por fim, o tempo de *afiliação*, que seria quando há o manejo relativo das regras da instituição e a sua capacidade de interpretá-las e transgredi-las. Porém, até o estudante chegar à fase de *tempo de afiliação*, inúmeras são as rupturas que ele passa ao chegar no ES, como na condição de existência, que pode gerar ansiedade e comportamentos que favorecem o fracasso; uma ruptura psicopedagógica, uma vez que as relações no ES são diferentes das relações do Ensino Médio (EM); e uma ruptura na vida afetiva, visto que há as amizades não serão mais as mesmas (COULON, 2008).

Diante disso, de acordo com Paivandi (2019), o processo de adaptação ao ES está longe de ser linear, que pode causar mudanças profundas no estudante, sendo esse período crucial. Segundo Paivandi (2019) em uma discussão sobre Harris e Barnett (2014), o estudante recém chegado à Universidade vivência quatro fases: a de *preparação*, *encontro*, *ajustamento* e por fim, a fase de *reflexão*. Ainda de acordo com Paivandi (2019), na fase de *preparação*, o estudante está em prontidão para o desafio, bem como motivado por estar em uma instituição de ES. Em seguida, na fase de *encontro*, o estudante ganha confiança e se engaja para atingir os seus objetivos, para que assim, esteja pronto para a fase de ajustamento. Nessa fase, o estudante constrói relacionamentos e cria um sistema de apoio. Após passar por essas três fases, o estudante está pronto para viver o seu desenvolvimento pessoal, e dominar o ambiente do ES, sendo essa fase intitulada de fase de *reflexão*.

Partindo disso, o primeiro ano na Universidade é de extrema importância para os estudantes. As experiências nesse período são de fundamental importância para a permanência no ES, bem como para o seu sucesso acadêmico (TEIXEIRA et al, 2008). Para Teixeira et al. (2008), no ingresso ao ES, os amigos não são mais os mesmos, o que acaba gerando uma necessidade em se estabelecer novos vínculos de amizade. Além disso, quando essas novas amizades ainda não são formadas, os estudantes contam com apenas com os seus próprios recursos psicológicos, bem como o apoio das redes de amizades formadas anteriormente ao ingresso na Universidade.



Ademais, as amizades construídas no primeiro ano do ES são de fundamental importância, visto que as amizades são, além de tudo, uma forma de alívio afetivo (FERREIRA, 2014). De acordo com Paivandi (2014), especialmente na perspectiva da vida acadêmica no Ensino Superior, a socialização é vista como um processo que permite ao estudante a apropriação do papel dos outros e a construção do seu “Eu”. É a partir da socialização que há a interiorização de atitudes, dispositivos, valores, crenças e expectativas.

Diante da explanação acerca da adaptação ao ES, bem como a socialização dos estudantes, o presente artigo tem como objetivo discutir acerca da adaptação dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do 6º ao 10º período e a influência da socialização nessa adaptação.

Partindo desse objetivo, estudar o ES se faz pertinente quanto à atual realidade da educação brasileira. De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece diretrizes e metas para o desenvolvimento nacional, estadual e municipal da educação, a partir da Lei nº 13.005/2014, uma das 20 metas estabelecidas pelo plano, a meta 12, que diz respeito à elevação da taxa bruta de matrículas na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 12 a 24 anos, de forma a assegurar a qualidade da oferta e a expansão para, pelo menos, 40% das novas matrículas no segmento público.

Diante dessa meta, uma das estratégias estabelecidas foi a de ampliar a oferta de vagas, por meio da expansão e da interiorização da rede federal de Ensino Superior, bem como fomentar a oferta de educação superior pública e gratuita prioritariamente para a formação de professores e de professoras para a Educação Básica. Desde a data de vigência do PNE, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de matrículas no ES, entre o ano de 2014 e 2018, nas modalidades presenciais e à distância, saltou de aproximadamente de 3 milhões de estudantes para 3,5 milhões de estudantes, um crescimento considerado baixo, mas bastante significativo para os estudos de cunho educacional.

Partindo dessa expansão, a necessidade de investigar e de compreender o espaço de convívio cotidiano do sujeito do estudante em contextos mais coletivos, como é o meio ambiente da Universidade, se faz de fundamental importância para entender como funciona a vida acadêmica e social na universidade na perspectiva do seu principal



público, que são os estudantes, considerados como indivíduos educandos na instituição e como membros de sua própria comunidade de pares. Além disso, os estudos de cunho subjetivos estão sendo cada mais realizados, o que tem contribuído para uma área que ainda é pouca estudada, a da vida estudantil cotidiana no meio ambiente universitário. Em correlação com o aspecto social e acadêmico, a presente pesquisa se dá também devido à participação dos autores no grupo de pesquisa Escola Contemporânea e Olhar Sociológico (ECOS), que tem como uma das principais temáticas a socialização acadêmica e as abordagens etnográficas e compreensivas.

A fim de atingir o objetivo proposto pelo trabalho, utilizamos como método de investigação a pesquisa qualitativa. Além disso, foi utilizado como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, com o sentido de se registrar dessa forma como se dá a adaptação ao ES no olhar estudantil, especificamente a partir as impressões ressentidas como mais significativas pelos estudantes do curso de Pedagogia.

A seguir, iremos discutir sobre a período de adaptação ao ES dos entrevistados da pesquisa, e como essa adaptação traz consigo inúmeros momentos de dificuldade, o que pode acarretar em uma incerteza sobre a permanência do estudante, bem como a importância da construção de amizades ao longo do curso.

METODOLOGIA

Diante do que foi exposto anteriormente acerca da adaptação ao Ensino Superior, bem como sobre a socialização acadêmica, a fim de atingir o objetivo proposto pelo presente trabalho, alguns percursos metodológicos foram utilizados para entender como ocorre essa adaptação dos estudantes do curso de Pedagogia da UFRN.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, na perspectiva de uma sociologia compreensiva da educação, uma vez que consideramos o problema educacional a ser investigado incorporando o lado subjetivo da pessoa do estudante, em relação aos contextos coletivos e institucionais de convívio cotidiano. Compreendemos que “a pesquisa qualitativa se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana” (STAKE, 2011, p. 21), ou seja, essa abordagem tem como objetivo relacionar a interpretação do autor sobre os dados coletados a partir de sua subjetividade.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é frequentemente utilizada em estudos de natureza social. Dessa



forma, a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Por fim, Bogdan e Biklen (1994, p. 16) afirmam, que “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”. Dessa forma, o estudo qualitativo vem justamente dessa descrição da realidade que, no caso do presente estudo, da realidade dos estudantes de Pedagogia.

Partindo disso, utilizamos como método de pesquisa a entrevista que, para Colognese e Mélo (1998, p. 143), pode ser definida como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem como objetivo obter informações por parte do entrevistado, que “trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento dos sujeitos entrevistado”.

Diante disso, a entrevista nos possibilita um leque de compreensões ricas acerca de experiências, biografias, opiniões, valores, atitudes, sentimentos (MAY, 2004) e que é a partir dela que podemos conhecer os sujeitos e o campo que queremos estudar, pesquisar. Na entrevista oral, que é o caso da nossa pesquisa, o entrevistador tem uma participação bastante ativa.

O tipo de entrevista que escolhemos para a presente pesquisa foi a semiestruturada, com a entrevista focalizada em um assunto principal, no nosso caso, o da socialização acadêmica, no qual se é elaborado um roteiro base com perguntas, que será complementado por outras questões inerentes às circunstâncias do momento da entrevistas. Além disso, esse tipo de entrevista faz com que as informações surjam de forma mais livre (MANZINI, 1990/1991), aumentando a possibilidade para que essa entrevista flua melhor.

Diante disso, a presente pesquisa tem como público alvo os estudantes do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na modalidade presencial da UFRN - campus Natal, do 6º ao 10º período, do turno vespertino e noturno. Foram selecionados 6 estudantes no período de 2020.1 a fim de conhecermos as suas trajetórias, bem como a sua adaptação ao ES.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como dito anteriormente, a chegada na Universidade é marcada por diversas rupturas, o que leva o estudante a sentir uma estranheza com o novo ambiente. Para Paivandi (2019), essa chegada ao ES não ocorre de uma forma linear para o estudante, o que acaba sendo um período crucial. Além disso, ainda de acordo com Paivandi (2019), uma das principais causas da dificuldade em adaptar-se ao ES é a diferença percebida pelos novos estudantes, que, na maioria das vezes, é causada pela falta de conhecimento, expectativas e práticas dos estudos no ES.

Diante disso, a entrevistada 1, relata que um dos maiores impactos notados pela transição do EM para o ES foi de como os trabalhos em grupo eram diferentes de um nível de ensino para o outro. Além disso, a entrevistada relata que, essa nova forma de vivência no Ensino Superior a fazia sentir falta do EM, na qual as coisas eram mais simples e, também, mais verdadeiras, o que acabou gerando um sentimento de frustração ao chegar na universidade:

QUADRO 1 - FALAS DA ENTREVISTADA 1

Entrevistada 1 (21 anos):

“O que eu sinto falta das coisas do trabalho em grupo, na universidade quando eu cheguei, falam “trabalho em grupo”, e eu já pensava “vamos para casa de alguém, vamos levar comida, vamos passar a tarde conversando e vamos fazer o trabalho. Vai ser muito divertido”. Aí o povo vai e abre um drive. E eu ficava “meu Deus, cadê a parte legal?”.

“Eu cheguei na universidade e eu tinha 18 anos. Quando eu me deparei com esse tipo de socialização e eu fiquei “nossa, essa é a vida adulta? Muito chata” queria o meu ensino médio de volta. A gente se reunia na educação física, para fazer os trabalhos, fazia um churrasco no trabalho, tomava banho de piscina. Eu nunca fui para a piscina com as minhas amigas daqui. Foi frustrante.”

Quadro construído pelos próprios autores

Quando se inicia essa adaptação, o estudante precisa de um período para que possa assimilar essa transição e para que possa adaptar-se e redefinir a situação de aprendizado e entender as novas regras do jogo, que é o ES (Paivandi, 2016). Como dito anteriormente, o EM é totalmente diferente do ES, visto que os amigos não são mais os mesmos, a forma de ensino também muda e até mesmo o espaço físico. Para Teixeira et al (2008), no que se diz respeito à diferença dessas duas formas de ensino, discute que no ES, o estudante torna-se muito mais independente, sendo menos monitorado pela instituição. Dessa



forma, o envolvimento do estudante com a sua formação depende mais dele do que do ambiente universitário.

Assim como a entrevistada 1, a entrevistada 2 também passou por dificuldades na adaptação ao ES. Porém, diferentemente da primeira entrevistada, que sentiu uma diferença em relação aos níveis de ensino, a segunda entrevistada sentiu um grande impacto pois, estava longe de ambientes educacionais há muitos anos, gerando uma sensação de não pertencimento à Universidade, bem como a frustração por não conhecer ninguém:

QUADRO 2 - FALA DA ENTREVISTADA 2

Entrevistada 2 (31 anos):

“[...] às vezes eu penso que se eu tivesse desistido teria sido no início. O primeiro dia de aula foi tão horrível, tão horrível. Eu não conhecia ninguém. Todo mundo caladinho na sala. Eu olhava para um lado, olhava para o outro e pensava “aí meu Deus e esse povo?”. Não sei, com um ou dois dias a gente começou a conversar, a gente foi se aproximando e aquela sensação ruim foi passando”.

Quadro construído pelos próprios autores

Diante da fala da segundo entrevistada, de acordo com Coulon (2008), o estudante se vê em um ambiente e percebe a necessidade em se adaptar e em se integrar ao ES e, conseqüentemente, aprender o ofício de ser estudante, que seria “[...] aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo” (COULON, 2008, p. 31).

Como dito anteriormente, Coulon (2008) estabelece três fases de adaptação ao ES. A primeira fase, a de *tempo de estranhamento*, que diz respeito às sensações em se estar em um ambiente que é totalmente diferente do que o estudante está acostumado, sendo essa fase considerada a mais crítica, devido às dificuldades encontradas, o que pode gerar no estudante uma vontade de abandonar o curso. A entrevistada 3, relata que as dificuldades encontradas ao ingressar no curso a fizeram ter vontade em desistir:

QUADRO 3 - FALA DA ENTREVISTADA 3

Entrevistada 3 (25 anos):

“Quando eu entrei, como eu lhe disse, eu não estava motivada. Fiquei muito feliz quando passei no vestibular e tudo mais. Mas no começa do curso foi desmotivador para mim, mas eu tive apoio da minha família [...] as eu passei por muita coisa que eu poderia ter desistido”.

Quadro construído pelos próprios autores



Já a segunda fase de adaptação estabelecida por Coulon (2008), *tempo de aprendizagem*, que, como já dito anteriormente, é marcada por eventos dolorosos e cheiros de inseguranças e dúvidas, o que leva o estudante a ficar ansioso. Essa ansiedade gerada pelas diversas rupturas, acontecimentos fora do conhecimento pelo estudante, bem como as dificuldades que são encontradas, acaba gerando, no estudante, momentos difíceis, o que acaba gerando uma grande insatisfação. De acordo com Cruz (2008, p.49) na transição do EM para o ES o estudante assume novas responsabilidades e que exigem decisões no momento em que desenvolve a autonomia. Dessa forma, acaba surgindo por parte do estudante uma ansiedade relacionada à necessidade de adaptação.

QUADRO 4 - FALAS DAS ENTREVISTADAS 1 E 4

Entrevistada 1 (21 anos):

“Eu acho que juntou tudo. Eu senti que a minha saúde mental estava indo ladeira abaixo. A minha amiga da residência me obrigou a ir na psicóloga”.

Entrevistada 4 (21 anos):

“Eu comecei a fazer terapia. Tem mais de um ano. E eu acho que tem a questão de culpabilizar o outro. Não culpabilizar, mas querer se afastar do outro por questões pessoais que não tem nada a ver. Estou aprendendo a lidar com isso também”.

Quadro construído pelos próprios autores

A terceira fase, *tempo de afiliação* que, como já dito anteriormente, a fase em que o estudante pode se considerar um veterano e que os medos, angústias e indecisões estão mais controladas, tendo o sentimento de que não pretende abandonar o curso. Diante disso, algumas entrevistadas relataram momentos críticos em sua trajetória acadêmica, o que as quase levou ao abandono do curso. Porém, mesmo com esses momentos críticos, as entrevistadas os superaram, e acabaram ficando mais fortes para a conclusão do curso:

QUADRO 5 - FALAS DAS ENTREVISTADAS 3 E 5

Entrevistada 3 (25 anos):

“[...] com o passar do tempo, como eu fui me identificando com as disciplinas, acabei começando a gostar. Comecei a me identificar”.

Entrevistada 5 (63 anos):

“[...] tive dificuldades quando meu filho sofreu um acidente e foi para a UTI. Passou quase três meses... foi no terceiro período. Eu quase desistia, pois eu estava no hospital com ele e não conseguia me orientar nas disciplinas. Essa foi uma parte que eu quase desistia do curso. Eu acho que foi justamente aquilo “meu Deus, de novo? Não. Eu vou para frente”. A professores me deram tarefas extras para complementar o que estava



faltando, conteúdo... alguns professores entenderam a minha situação. Mas graças a Deus eu fui para frente. Deu tudo certo. Meu filho se recuperou”.

Quadro construído pelos próprios autores

Diante das dificuldades encontradas no ingresso ao Ensino Superior, os estudantes, como uma forma de alívio afetivo, procuram estabelecer relações com os seus colegas de curso. Muitas vezes, essas amizades vão para além dos muros da Universidade que, para Medeiros (2018), é chamada de socialização extrauniversidade. Dessa forma, os estudantes anseiam para que as relações construídas no curso também sejam relações que eles possam contar em momentos mais difíceis e, dessa forma, compartilhando sentimentos e também momentos com essas amizades. Além do anseio para consolidar as amizades, os estudantes chegam a um ponto de que compartilhar esses momentos apenas na Universidade já não são mais o suficiente, e levam essas amizades para um ambiente externo à Universidade, como passeio, visita à casa um do outro, bares:

QUADRO 6 - FALAS DAS ENTREVISTADAS 4 E 6

Entrevistada 4 (21 anos):

“A gente sai, as meninas vão lá para a minha casa. Normalmente vão para a minha casa. Mas às vezes a gente sai para comer, pois as opções são: vamos comer na casa da Empatia, ou vamos sair para comer”.

Entrevistada 6 (21 anos):

“Eu estou sempre com alguém. Eu nunca estou sem ter o que fazer. É gente toda hora na minha vida. Por mais que eu more só aqui, mas não dá. Toda hora eu tenho alguém. Toda hora estou com um amigo, uma amiga. Os meus pais não moram aqui [...] e quem tem a vida mais próxima da minha são os meus amigos. Então eu vivo na casa deles, eles vivem na minha casa”.

Quadro construído pelos próprios autores

Ainda sobre a socialização, os participantes da entrevista relatam como as amizades construídas no curso foram de fundamental importância para a permanência dos mesmos. E que, se não fosse essas amizades, a trajetória deles teria sido muito mais difícil, visto que as amizades trazem uma leveza na caminhada do curso. Para Ferreira (2014), a socialização universitária serve, simultaneamente, como um meio de alívio afetivo, com a satisfação emocional e social, e como recurso para a realização bem sucedida das atividades acadêmicas:

QUADRO 7 - FALAS DAS ENTREVISTADAS 4 E 6

Entrevistada 4 (21 anos):

“[...] teria sido alguma coisa mais pesada, pois quando estabelecemos um grupo, eu acho que dá uma certa leveza no processo, pois qualquer coisa a gente está ali para contar um com a outra. Alguém está passando por alguma coisa e você vai lá e desabafa, ou então faz outra coisa completamente diferente. Então eu acho que dá uma ajudada nesse processo da graduação que, meu Deus... senão a gente mata um”.

Entrevistada 6 (21 anos):

“Horrrível. Ia ser horrrível. Meu Deus do céu. Como eu tenho o mesmo grupinho desde o início, então se eu não as tivesse eu não sei nem o que seria de mim. Eu morando sozinha, sem ter pai, mãe perto e sem amigo ainda”.

Quadro construído pelos próprios autores

Diante do que foi exposto anteriormente, podemos perceber que o ingresso na Universidade traz para o estudantes diversas rupturas, que são carregadas de anseios, ansiedade, desconhecimento sobre o que está por vir, bem como momentos que podem gerar no estudante uma vontade de abandonar o curso. Porém, mesmo com toda a turbulência que é ingressar no ES, a vontade em se construir amizades é algo que permanece na vida do estudante, visto que essas amizades trazem para os estudantes uma segurança, um apoio para enfrentar momentos tão difíceis surgem na trajetória acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da pesquisa realizada com os estudantes do curso de Pedagogia da UFRN a fim de conhecer como esses estudantes adaptam-se ao Ensino Superior e a importância da socialização para esses estudantes, pudemos perceber que os estudantes sofrem inúmeros acontecimentos durante a sua passagem do Ensino Médio para o Ensino Superior, ou até mesmo para aqueles estudantes que já estão há alguns anos distantes de instituições de ensino.

Em relação à adaptação, os estudantes do curso de Pedagogia sofrem rupturas com um passado já conhecido, e chegam à Universidade, um ambiente totalmente diferente do que está acostumado, com uma visão e expectativas do que lhes esperam. Porém, ao perceberem que se estar no ES não é tão fácil como imaginam, deparam-se com as dificuldades em adaptar-se a esse novo ambiente, conhecer pessoas e, conseqüentemente, criar vínculos de amizade.

Além disso, o medo e as angústias que tomam os estudantes e acabam gerando uma muita ansiedade acabam sendo os grandes vilões socioafetivos na trajetória desses



estudantes, o que os levam, às vezes, a pensar em desistir do curso. Então, como uma rota de fuga da sua trajetória tão conturbada, os estudantes procuram estabelecer vínculo com os seus colegas de curso. Dessa forma, socializar-se e criar laços, vêm como uma forma de alívio afetivo, bem como uma maneira de tornarem as suas vivências no curso mais leve, com momentos que os levem a superar os obstáculos encontrados durante o curso.

Em suma, simultaneamente adaptar-se ao estilo e exigências acadêmicas e socializar-se no sentido da instituição e do convívio com os pares no meio ambiente do Ensino Superior é de crucial importância, visto que esses são fatores críticos e significativos para uma trajetória bem-sucedida no curso, desde uma permanência com aprendizagens cognitivas e sociais integradas até uma conclusão como realização produtiva.

Outrossim, estudos que levem em consideração o indivíduo acadêmico e a pessoa do estudante no Ensino Superior faz-se de grande importância, visto que estudos de cunho sociológico que mostrem as dimensões subjetivas envolvidas no mundo universitário ainda são pouco realizados, em comparação às investigações que destacam aspectos das políticas educacionais e das propostas curriculares de formações da educação superior. Dessa forma, estudar o ES e os seus impactos na vida cotidiana do estudante é uma forma de conhecer os mesmos, a fim de se buscar meios e formas para aperfeiçoar a realização dos objetivos de uma formação universitária, como uma boa adaptação social, cognitiva e emocional com um melhor desenvolvimento acadêmico e profissional.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas**. Brasília, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. – Brasília, DF: Inep, 2015. 404 p.: il.

COLOGNESE, Silvio Antônio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. In: **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p.143 - 159, 1998.



CRUZ, **Ansiedade e bem-estar na transição para o ensino superior:** o papel do suporte social. 2008. 191f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) - Universidade do Porto, Portugal, 2008

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária.** Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. EDUFBA, Salvador, 2008.

DINIZ, Antônio M; ALMEIDA, Leandro S. Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. **Análise Psicológica (2006)**, 1 (XXIV): 29-38

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr., 2014

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDEIROS, Natalia Cristina de. **A socialização extraclasse e extrauniversidade como estratégia de sobrevivência acadêmica de estudantes do ensino superior na UFRN.** 2018. 118 f. Dissertação (mestrado em educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

PAIVANDI, Saeed. **A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos.** *Educação em Questão*, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014

PAIVANDI, Saeed. **Le défi de la transition entre secondaire et supérieur,;** *Construisons des ponts.* Paris: Cnesco, 2019

PAIVANDI, Saeed. Les étudiants face au défi de la transition entre secondaire et supérieur. In **La educación superior, el estudiantado y la cultura universitaria.** Editora Neopátria, 2016.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2a ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: Estudando como as Coisas Funcionam.** São Paulo: Editora Penso. 2011.

TEIXEIRA, M.A.P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, Uberlândia, v. 12, n. 1, janeiro/junho, 2008